

EDUCAÇÃO

e

TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

"EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA"
Propriedade: INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA

Director: João Bento Raimundo

Redacção: Rua Comandante Salvador do Nascimento
Telex. 211634/213082 . Fax 211690
6300 - GUARDA

Composição, Execução Gráfica e Impressão: Secção de Reprografia do IPG

Depósito legal nº 17. 981/87

REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL PROIBIDA

Nº VIII/Julho de 1991

Capa: *Novo Edifício dos Serviços Centrais do IPG*

UM SÍMBOLO DA EVOLUÇÃO

"(...) uma criatura só não presta quando deixou de ser inquieta."

Miguel Torga

"Educação e Tecnologia" é bem o símbolo da evolução registada no Instituto Politécnico da Guarda nestes últimos seis anos.

Esta Revista firmou-se e afirmou-se editorialmente, reuniu colaborações, projectou um espaço de diálogo cultural, pedagógico e científico, definiu horizontes precisos, concretos.

Hoje, *"Educação e Tecnologia"* é bem uma das múltiplas vertentes da Instituição de Ensino Superior onde é editada com a periodicidade estipulada desde a sua criação. Não cristaliza fórmulas e conteúdos, antes pelo contrário assimila e cria outras ideias e projectos, utiliza progressivamente novos meios e tecnologias colocados à sua disposição, do ponto de vista gráfico e técnico.

"Educação e Tecnologia" assume, naturalmente, um papel informativo mas dimensiona, igualmente, o seu, cada vez maior, impacto difusor de temáticas e ideias, rejuvenescendo em cada edição.

O presente número antecede a entrada em funcionamento do novo edifício dos Serviços Centrais do Instituto Politécnico e igualmente do Pólo de Seia do IPG. Se em termos de colaborações e participações a nossa Revista consolidou uma equipa, em termos de estruturas físicas encontra assim, doravante, uma nova e promissora realidade.

João Bento Raimundo
Presidente da C. I. do
Instituto Politécnico da Guarda

O CURRÍCULO OCULTO DAS NTI's.

Maria Emília de Sousa Andrade**

Em *Libertar o Futuro* e em *Sociedade sem Escolas*, Ivan Illich não defende apenas a desescolarização da sociedade e a morte da escola, mas releva, de forma substantiva, o significado do "programa latente" ou currículo invisível.

Para I. Illich o *currículo invisível* "cria o hábito de um consumo de serviços autodestruidor e de uma produção alienante, desenvolve a tolerância em relação à dependência institucional e o reconhecimento das hierarquias institucionais" (ILLICH, 1971, 74), socializa, enfim, os alunos para a aceitação da ordem social existente.

O conceito de "*currículo invisível*" ou "oculto", ao surgir associado a posições radicais e de forte crítica à escola enquanto burocracia, assumiu, ao princípio, um carácter de certa marginalidade, de out of system. Porém, a perspectiva de Illich de que a educação pública de massa reproduz, através do currículo oculto, as relações sociais de produção e prepara os educadores para se adaptarem a uma sociedade alienante e classista, foi, sistematicamente, retomada por outros teóricos independentemente da sua perspectiva de análise.

Fazendo uma síntese das posições de um conjunto amplo de teóricos que abordam esta problemática, podemos definir o currículo oculto como:

- a) um conjunto de valores veiculados pela escola, valores esses que levam a que a docilidade, a obediência, a subordinação à autoridade sejam tomados como positivos, logo premiáveis, enquanto que são reprimidos aqueles valores que possibilitam comportamentos criativos, autónomos e flexíveis;

* Texto que serviu de base a uma comunicação integrada no Balanço de Actividades 1990.91 do Pólo do Projecto MINERVA do Instituto Politécnico da Guarda.

** Professora Adjunta da ESEG

b) um conjunto de práticas e/ou processos pedagógicos que englobam:

- a "pedagogia uniforme";
- o controlo da aprendizagem pelos professores;
- as recompensas externas (classificações, promoções, quadros de honra, louvores);
- o não envolvimento do professor enquanto pessoa na relação pedagógica;
- a manipulação por parte da escola dos comportamentos e hábitos dos alunos - (uso de vestuário próprio, emblemas); impessoalidade e uniformidade burocrática;

c) os papéis sociais e os papéis sexuais.

O currículo "oculto" associa-se igualmente à própria organização interna da escola (segundo o modelo hierárquico das instituições produtivas e de acordo com a estrutura das organizações burocráticas) e à estrutura social da sala de aula - estatutos diferenciados de professor e aluno e aluno - aluno; interações selectivas, efeito de *Halo* e de *Pigmalião*.

São sobretudo os Sociólogos, entre os quais destacamos Bowles e Gintis, Dale, Eggleston, Bernstein, Hargreaves, Holt, Jenkins, Jackons, Snyders, que nas suas investigações procuram verificar os efeitos do currículo oculto sobre a socialização dos alunos e precisar o campo do mesmo pela definição das suas componentes.

Assim, Jackson, P. (1981) inclui no currículo oculto os três r's não oficialmente curriculares: regulamentos, regras e rotinas. A obediência e a adaptação a esses regulamentos, regras e rotinas leva os alunos à sacralização de práticas escolares, a uma socialização que impede um distanciamento reflexivo e crítico das mesmas. Este autor realça ainda a importância para o processo de socialização, logo para a determinação do currículo oculto, das expectativas do professor em relação ao comportamento e desempenho dos alunos (a profecia que se cumpre ou o mito de *Pigmalião*), bem como a caracterização dos alunos em bem e mal comportados.

A posição de Jackson é reforçada por Bernstein (1975) que, ao analisar a ordem "expressiva" das escolas, verifica que as rotinas tendem a transformar-se em rituais, ou seja, em padrões de actos específicos para uma situação e que estes rituais são mecanismos excepcionais para a interiorização e reificação da ordem social. A rotina escolar pode mesmo ser, como comprovam os dados, recolhidos num inquérito de atitudes promovido por The School's Council (DALE, 1972), causa de abandono, já que a "escola é sempre a mesma, dia após dia, semana após semana". Outras vezes, a não adesão dos alunos a essas rotinas leva-os a desenhar algumas estratégias que lhes permitem ultrapassar essa

rotinização/ritualização. Os trabalhos de Bloom centram a sua atenção em algumas dessas estratégias dos alunos.

Este autor considera que estas correspondem às respostas dos alunos face às práticas de promoção e aos mecanismos de aprovação e de desaprovação da escola.

Perspectivado desta forma, o currículo "oculto" inclui a fuga ao trabalho, o copiar, o aprender para passar e não para saber, o calão académico, a tipologia dos professores, o agir de acordo com o esperado pelos superiores, o dar "graxa", o perturbar as aulas, etc., etc..

O currículo oculto aparece-nos assim, e de acordo com Jenkins, como um conjunto de estratégias possibilitadoras da sobrevivência dos alunos dentro da escola, encarada esta como um meio hostil.

Estas aprendizagens revestem-se, por vezes, de um cariz negativo, pelo que muitos teóricos do currículo tendem a encará-las como resíduo, ou subproduto do currículo formal. Mas, como Dewey realçou relativamente às aprendizagens "colaterais", as aprendizagens que consubstanciam o currículo oculto tendem a perdurar e a permanecer vivas e actuantes durante muito mais tempo do que as aprendizagens formais, curriculares, pelo que a sua importância é extrema.

Os curriculistas tendem também a encarar o currículo oculto como pano de fundo que subjaz ao currículo explícito, realçando o efeito do contexto sócio-organizacional, ou seja, o efeito sobre os alunos da forma como a Escola se organiza. Da vivência na Escola o aluno extrairia uma soma de aprendizagens que não fazendo explicitamente parte dos conteúdos e/ou objectivos de qualquer disciplina, nem por isso seriam menos importantes do ponto de vista da sua socialização e adaptação ao meio social envolvente.

A aceitação do tempo fraccionado (hora de 50 ou 110 mn; o toque da campainha, a sucessão aula - intervalo...) como algo de natural e não imposto, a atitude de respeito pelos utentes da escola com estatuto superior (pares ou não pares), da autoridade hierárquica, levam a atitudes de conformismo, efeito perverso do currículo oculto.

Relativamente ao grau de invisibilidade deste currículo uma questão se nos impõe: Em relação a quem é este currículo oculto? Em relação aos alunos? Aos professores? À Escola-Instituição ?

Em princípio parece ser oculto de todos. Mas, no que concerne especificamente aos valores veiculados pela Escola, existem duas posições distintas. Enquanto que para alguns teóricos o currículo só é oculto dos alunos e dos professores, havendo por parte da Escola-Instituição uma intenção deliberada de promoção desses mesmos valores, para outros os professores têm uma compreensão clara dos efeitos do currículo oculto, pelo que somente para os alunos o mesmo permaneceria invisível. Logo, os professores aceitariam de forma consciente e sem mesmo

o questionarem o seu papel de endoutrinadores (talvez como efeito de dupla socialização).

As duas posições têm defensores e adversários, sendo desejável que os professores estivessem sensibilizados para esta problemática para poderem obviar os efeitos perniciosos do currículo "oculto", pois sabe-se que quanto mais oculto, mais inconsciente permanecer este currículo, maior será a sua eficácia. Uma percepção mais clara do que é o currículo oculto, das suas manifestações e dos seus efeitos permitirá aos professores e alunos reflectir sobre o mesmo, restringi-lo, opor-se-lhe, desmistificá-lo. Este esforço de compreensão conduzirá, a tomadas de decisões susceptíveis de limitar o seu papel socializador e reproduzidor das estruturas sociais vigentes e à aceitação da responsabilidade do que ocorre na Escola e pelo que do currículo "oculto" decorre.

Em jeito de conclusão podemos sublinhar o facto de que, muito embora partindo de perspectivas diferentes, sociólogos, curriculistas e pedagogos todos concordam que a função do currículo "oculto" é a de *controlo social* e a de preparação dos alunos para a aceitação de uma sociedade estratificada.

Clarificado o conceito de currículo oculto, necessário se torna estabelecer a sua ligação com as Novas Tecnologias da Informação.

A questão que se torna pertinente colocar é a seguinte:

Até que ponto o papel socializador e reproduzidor do currículo oculto se altera com a introdução das Novas Tecnologias na Escola?

Antes, porém, de tentarmos responder a esta questão, convém referir que as Novas Tecnologias da Comunicação e da Informação não irromperam abruptamente na Escola. Uma certeza temos no entanto, é a que cada vez são mais numerosos os recursos materiais e os equipamentos técnicos que o mercado põe à disposição da Escola. O mercado da Educação atraiu decisivamente as multinacionais que passaram a utilizar os processos mais engenhosos para introduzirem nas Escolas computadores e os equipamentos informáticos, áudio e vídeo mais sofisticados.

Os meios informáticos postos ao princípio ao serviço do desenvolvimento técnico e económico, acabam por penetrar na Educação. A informática massifica-se em virtude dos avanços tecnológicos que permitem uma maior acessibilidade dos equipamentos que lhe servem de suporte.

Que importância reveste esta massificação e a penetração na Educação? Como conotar este novo saber?

Tomemos de empréstimo as palavras proferidas pelo

Director Geral da Unesco na abertura da conferência Spin, Lav. 1981.

A informática constitui mais do que um *poder*, é um sistema de *poderes*. A tecnologia que incorpora não é uma tecnologia como as outras - comporta a capacidade de integrar as outras técnicas, de *facilitar* ou *bloquear* o acesso a todo um leque de dados e de conhecimentos científicos e, portanto, de elaborar modelos inéditos de desenvolvimento.

A informática, permita-se-me sublinhar, aparece assim definida como um poder ou melhor como um sistema *de poderes*, sistema esse que se reveste duma dupla carga - positiva e negativa - facilita ou bloqueia.

Esta duplicidade que atinge a Informática abrange igualmente o computador e é a um só tempo geradora de mitos e medos.

A certeza de que o computador e os equipamentos que se lhe ajustam serão a constelação fundamental num mundo futuro preponderantemente tecnológico, avoluma os mitos que se vão criando em torno dos mesmos. O mito da desumanidade do computador, da perfeição absoluta divinizada, da tirania e frieza, da absorvente interacção homem - máquina inibidora e cerceadora da interacção homem - homem.

E medos. Medo de ficar desinserido, de enfrentar os riscos de interagir e de não interagir com esse instrumento informático, que se torna objecto transaccional e evocativo, pelas reacções fortemente positivas e negativas que suscita.

Medo de ser dominado em vez de dominar, medo de ser suplantado pela máquina. Medo de ver modificada a sua ideia de Homem, de pôr em causa o seu pensamento, a sua inteligência quando confrontada com a forma de "pensamento" do computador. A revista Times ao eleger, em 1983, o Computador como o Homem do ano, elevou este à dignidade, até então, inequivocamente reservada ao ser humano, o que não deixa de ser um marco significativo.

Mas voltemos à Escola e às Novas Tecnologias da Informação.

Sem pretendermos desvalorizar o papel instrucional e educacional das Novas Tecnologias, não podemos deixar de frisar que a sua utilização não é ainda tão racional e pedagógica quanto seria de esperar. Não só no que ao computador se refere, mas mesmo ao nível dos audiovisuais muito caminho é necessário percorrer para se passar de um uso artificial, marginal desses meios a uma integração plena dos mesmos num projecto de desenvolvimento curricular. A falta de sensibilização dos docentes pode explicar-se, em parte, pelo facto de a pedagogia da

comunicação multimedia exigir aprendizagem e treino. Só através dessa aprendizagem e treino, necessariamente exigindo um tempo médio ou longo, se pode chegar a tirar partido dos suportes de discursos educacionais - scripto, áudio, vídeo, informático - dos diversos discursos média, bem como dos documentos mediáticos.

Esta aprendizagem deve ser estimulada e facilitada pelas instâncias que têm a seu cargo a formação de professores. Pretende-se que a comunicação mediatizada funcione como um alargamento neutro/positivo da comunicação professor - aluno. Isto, porém, só acontece quando as Novas Tecnologias são utilizadas de forma criativa e não quando apenas servem para reforçar formas tradicionais de comunicar.

Chadwick (1979), relativamente aos audiovisuais, afirma que eles não fazem mais do que reforçar o ensino centrado no professor.

Bruner (1969) refere que a escola oferece experiências *out of context*, fora da realidade que se pretende que os alunos aprendam. A função das Novas Tecnologias seria a de permitir a aproximação e o acesso do aluno a essa realidade.

Nem sempre assim acontece.

Posições mais pessimistas, como as de Watzlawick (1976), vão no sentido de afirmar que as Novas Tecnologias não actuam como mobilizadoras de mudança mas sim como reforço da situação existente.

As mudanças provocadas por essas Novas Tecnologias são cosméticas, superficiais, permitindo que tudo fique na mesma.

Mas, mesmo os mais optimistas têm consciência de que todo o meio pode ser, como sublinhou Kunert, K. (1979), um instrumento de conhecimento, mas também um instrumento de domínio, havendo um receio ou uma certa cautela muito especialmente em relação ao computador.

Como acabamos de ver o valor pedagógico das Novas Tecnologias da Informação não é consensual. Defensores das mesmas e os seus críticos procuram fazer vingar as suas posições mais ou menos antagónicas, mais ou menos complementares. Este facto pode ficar a dever-se a uma visão ainda bastante mitificada do computador ou do uso menos apropriado que do mesmo se faz. Esta relutância na aceitação das Novas Tecnologias como pedagogicamente válidas pode ser também explicada pela notável resistência à inovação que a Escola têm assumido desde sempre. Faz parte do passado da Escola fazer face à inovação quer opondo-se-lhe abertamente ou subtilmente quer aceitando-a, mas exercendo sobre a mesma uma resistência passiva, de forma a desvirtuar-lhe as suas possibilidades.

Com a introdução das Novas Tecnologias em geral e dos computadores em particular, passa-se exactamente o mesmo.

Duas forças contraditórias actuam sobre a Escola. Por um lado as pressões de mudança e por outro as reacções da Escola que se sente ameaçada nos seus fundamentos, que joga na autodefesa.

O desvirtuamento do uso do computador pode ser entendido como um processo de resistência passiva à sua introdução no ensino.

São exemplos desse desvirtuamento a utilização do computador como substituto ou imitação grosseira dos papéis tradicionais do professor e/ou do livro de texto ou de exercício. O mesmo se pode dizer quando se transforma o computador num objecto de estudo pura e simplesmente, não explorando as suas potencialidades.

Porém, o mais relevante para a temática em análise é reflectir sobre as questões essenciais que o currículo oculto coloca.

1ª - Os valores veiculados pelas NIT's levam à submissão, à aceitação da ordem social vigente ou, pelo contrário, permitem o aparecimento de comportamentos *criadores, autónomos e flexíveis*?

As Novas Tecnologias são em si mesmas neutras. Adquirem virtualidade educativa quando se integram no processo educacional. No entanto, dada a sua função estruturadora da realidade, imprimem a esta uma determinada conotação, atribuem-lhe qualidades, podem mesmo chegar a distorcê-la, são, como diria Mc Luhan, *mensagem*. Não obstante, os valores que veiculam de forma dominante são-lhe incorporados e dependem das intenções e das tomadas de decisão de quem os utiliza. Os docentes podem utilizá-las para reforçar o seu domínio e para ocultar a sua insegurança e dependência ou, pelo contrário, utilizá-las porque são e se sentem competentes e seguros.

M. Zabalza (1987, pág.155) refere em relação aos meios em geral que "podem ser utilizados tanto para reafirmar o poder e a directividade do professor (no caso de meios sofisticados cujo manuseamento só ele conhece, meios portadores de proibições, de exigências, de controlo, isto é, os meios como reforçadores do papel do professor) como para potenciar a independência e autonomia da criança e a divergência dos seus produtos".

Creemos que a afirmação deste autor se aplica com propriedade às Novas Tecnologias da Informação. Mais uma vez a duplicidade: controlo e reprodução ou liberdade, autonomia e diferenciação?

A resposta cabe aos utilizadores, aos docentes.

Se o computador e as Novas Tecnologias são encaradas como uma nova *panacea*, provavelmente se cairá na reificação das Novas Tecnologias. Se o uso que das mesmas se fizer estiver de acordo com o perfil de educando previamente traçado, perfil esse

que releve a capacidade de enfrentar e resolver novas situações, as Novas Tecnologias serão encaradas como instrumentais, mediáticas e trabalhadas de acordo com a sua semântica e pragmática próprias.

E a realidade, o que nos mostra?

Primeiro, que os docentes dos níveis mais baixos de escolarização aderiram de forma positiva às Novas Tecnologias da Informação. Muitos dos que aderiram à inovação estão ainda numa atitude de encantamento ante a possibilidade da utilização do computador e da iniciação dos seus alunos no campo da Informática. Mas, o facto de contarem apenas com um só computador obriga à utilização de estratégias específicas, que contemplam a rotatividade de uso pelos alunos (surge alguma

2º - Conjunto de práticas e/ou processos pedagógicos.

As Novas Tecnologias, pelo menos no que concerne ao contexto português, não ameaçam ainda o controlo da aprendizagem pelo professor, nem vieram alterar notoriamente as formas de recompensa, gratificação e de avaliação, mas podem configurar modelos educativos diferentes dos tradicionais quando houver abertura por parte dos docentes.

Uma utilização funcional das Novas Tecnologias pode democratizar o controlo de aprendizagem, atribuindo ao aluno uma quota parte de responsabilidade sobre a mesma.

Uma vez mais remetemos para os utilizadores o matiz, a coloração a dar às Novas Tecnologias e a sua contribuição positiva ou negativa para a permanência do currículo invisível, competitividade entre os mesmos) e ao domínio quase exclusivo do controlo do mesmo pelo docente que é, afinal, quem ensina a forma de utilização do mesmo e quem sanciona essa mesma utilização.

Ousamos afirmar que no que ao currículo "oculto" respeita tudo permanece igual. (O mesmo não significa, de modo algum, que tudo permaneça igual no aspecto instrucional). A relação empática professor - aluno própria deste nível etário continua a ser prevalente embora matizada com uma nova interacção criança - computador, relação que para algumas crianças se pode assumir como bastante intensa e motivadora.

Esta situação poderia alterar-se se o número de computadores fosse suficientemente grande para permitir o uso exclusivo por cada aluno ou díade de alunos.

Nos níveis de ensino em que a idade dos alunos é mais elevada e onde o uso partilhado do computador permite o trabalho de grupos de menores dimensões e especialmente de apenas dois alunos, o clima torna-se algo "mecanicista" e a relação aluno - máquina pode ser preponderante.

3º - A organização interna da Escola deixá de ser hierárquica, burocrática, conducente à alienação por intermédio das Novas Tecnologias de Informação?

Passará a Escola a ser um espaço de convívio, um espaço cultural?

Deixarão os alunos de interiorizar valores que os levam a respeitar normas, rotinas, rituais de forma passiva, a respeitar a ordem estabelecida?

Pensamos que é pedir de mais às Novas Tecnologias.

As Novas Tecnologias da Informação permitem, ou podem permitir um maior controlo sobre as pessoas, sobre os utentes da Escola, vincando ainda mais as hierarquias entre quem tem o poder e quem dele está destituído. Quanto à burocracia ela muda apenas de aspecto externo. Os papéis cedem passo às disquetes; os arquivos, às bases de dados... As normas, a autoridade hierárquica, a impessoalidade, a uniformidade, permanecem como elementos fundamentais da organização da Escola.

E quanto à alienação? Ela pode mesmo ser reforçada pelo efeito exercido pelo computador - potente instrumento de envolvimento alienante - nomeadamente quando usado de forma puramente lúdica e/ou rotineira.

4º Haverá mudanças significativas na estrutura social da aula?

O computador é um instrumento de domínio. Quem melhor souber tirar partido dele mais facilmente adquirirá poder e estatuto.

Este domínio tanto pode ser exercido por docentes como por discentes, o que pode provocar uma alteração no estatuto de professor e de aluno. Esta alteração depende, em grande medida, da forma como os mesmos encaram as Novas Tecnologias da Informação.

É natural que os alunos se sintam mais à vontade do que os professores mormente se estes forem idosos, face à máquina. Para os alunos esta apresenta-se como um objecto normal, com o qual interagem naturalmente e para o qual dispõem de muito, muito tempo para dominar. O adulto encara o computador como uma inovação fundamental que é necessário aprender a usar e a aproveitar num tempo mais curto. A sua relação com o computador pode, por isso, revestir-se de alguma tensão.

O querer queimar etapas, o querer atingir o domínio cabal deste instrumento rapidamente, pode, por vezes, conduzir a uma interacção demasiadamente envolvente (os fanáticos dos computadores) ou algo conflitual.

O domínio do computador exige, contudo, o domínio de novas linguagens, de novos códigos. A carga simbólica destes

mesmos códigos transforma-os em bens e/ou sistemas simbólicos. Ora, como afirma P. Bourdieu (1971), "a apropriação de bens simbólicos pressupõe a posse de instrumentos de apropriação" ou seja capital cultural herdado ou adquirido.

A estrutura social da aula permanecerá hierarquizada sendo a pertença aos estratos superiores marcada pela possibilidade de uso desses sistemas simbólicos e/ou códigos.

A informática pela sua exigência de domínio de linguagens esotéricas levará, em princípio, à demarcação entre os alunos de diferentes estratos e contribuirá para uma interacção selectiva no contexto da aula.

Acontece, porém, que os alunos, desde as crianças aos adolescentes e mesmo alguns adultos se sentem atraídos pelo computador, interagem com ele estabelecendo fortes e estreitas relações. O computador permite a criação de espaços investidos de diversas emoções ou valores. Assim sendo, esta interacção aluno - máquina pode ser por um lado dinâmica e por outro limitadora.

Dinâmica, no sentido em que permite uma experiência pessoal intensa, individualmente ritmada e muitas vezes criativa.

Limitadora, porque pode produzir um verdadeiro bloqueio, capaz de impedir o aproveitamento de oportunidades de relacionamento humano e de exploração de outras possibilidades de enriquecimento pessoal.

O computador, quando usado de forma sistemática e com possibilidade de utilização real por um conjunto de alunos, torna-se uma força poderosa, capaz de influenciar todo o ambiente à sua volta para bem ou para mal, alterando não só as relações professor - aluno, aluno - aluno, mas transformando o contexto aula num ambiente tecnológico, por vezes, frio e quase desumano.

O controlo dos docentes transfere-se para a máquina, que não se irrita e que trata todos da mesma maneira ou segundo um conjunto de modelos mais ou menos estereotipados.

Afirmamos, pois, que a introdução do computador altera de forma lenta, quase subversiva, o estatuto de professor e do aluno.

Não questionando o efeito instrucional que se pode alcançar com o uso adequado das Novas Tecnologias muito particularmente na recuperação e apoio de crianças com handicaps específicos, não podemos deixar de verificar que, no que ao currículo oculto se refere, as Novas Tecnologias poderão jogar um papel relevante. Controlo, disciplina e autodisciplina, aceitação de regras (programas; relatório de instruções...) impostas, impessoalidade, diferenciação, são elementos essenciais do currículo oculto.

Mas será tudo tão negativo?

A interacção social, a empatia professor - aluno continuam a dar valor à Escola, a ser o *leitmotiv* da sua continuação. Num mundo de comunicação massificada, de "cultura de mosaico", a

matriz escolar permanece como a principal garantia de uma descodificação objectiva das mensagens e a vivência social que permite a preparação mais adequada para a vida em sociedade.

E que dizer em síntese final?

Apenas que o *currículo oculto* é intrínseco à escola, ao Sistema Educativo em que a mesma se integra.

Alterações mesmo tão relevantes quanto a da introdução das Novas Tecnologias não são suficientemente fortes para abalar a sua estrutura. Alguma coisa muda, e esperamos que para melhor, mas essa mudança acaba por resultar funcional quer ao Sistema quer à organização da Escola.

O currículo "oculto", enquanto conjunto de valores, de práticas, de estratégias de defesa e de ataque dos alunos, sobrevive, ainda que com adaptações, à introdução das Novas Tecnologias, porque a Escola também sobrevive.

Bibliografía

- BOURDIEU, P. - "Reproduction Culturelle et Reproduction Sociale", *Information sur les Sciences Sociales*, x, 2, 1971, in: Grácio, S. e Stoer, S., *Sociologia da Educação*, I, Livros Horizonte, Lisboa, 1982.
- BRUNER, J. S. - *Hacia una teoría de la instrucción*, Utheo, Mexico.
- CHADWICK, C. - *Tecnología Educacional para docentes*. Ed. Paidós, Buenos Aires, 1979.
- DALE, R. - "The culture of the School", *Open University Educational Studies, Course E 282, "School and Society"*, 1972.
- DEWEY, J. - *Les écoles de demain*, Flammarion, Paris, 1931.
- KUNERT, K. - *Planificación docente et curriculum*, Oriens, Madrid, 1979.
- ILlich, I. - *Une Société sans école*, Sevil, Paris, 1971.
- ILlich, I. - *Libérer l'avenir - Appel à une révolution des institutions*, Semil, Paris, 1971.
- JACKON, P. - *The Student World*, in: Meigham, R., *A Sociology of Educating*, Holt, Rinehart and Winston, Londres, 1981.
- WATZLAWICK, P. (et al) - *Cambio*, Herder, Barcelona, 1976.
- ZABALZA, M. - *Áreas, Medios y Evaluación*, Narcea, Madrid, 1987.